
**O FUNK COMO ARTEFATO CULTURAL NO COTIDIANO ESCOLAR:
EXPRESSIONES E SUBJETIVIDADES INFANTIS**

**FUNK AS A CULTURAL ARTIFACT IN DAILY SCHOOL LIFE:
CHILDREN'S EXPRESSIONS AND SUBJECTIVITIES**

**EL FUNK COMO ARTEFACTO CULTURAL EN LA ACTIVIDAD ESCOLAR COTIDIANA:
EXPRESIONES Y SUBJETIVIDADES INFANTILES**

Ludmilla Carneiro Araújo¹
Patrícia da Silva Ribeiro²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar como o funk atravessa e compõe os processos de produção das subjetividades infantis, especialmente no que se refere às questões de gênero e sexualidade. A análise parte de uma perspectiva foucaultiana articulada aos Estudos Culturais, buscando compreender de que modo as músicas, com destaque para o funk, operam como práticas discursivas que participam da constituição dos sujeitos. O estudo baseia-se na análise de uma cena vivenciada por uma das autoras na Educação Infantil, na qual crianças cantavam e performavam, por meio de coreografias, uma música popularizada nas redes sociais digitais. Nesse contexto, a discussão incorpora o conceito de ciberultura, reconhecendo o papel das mídias digitais na amplificação da circulação desses discursos e na configuração de novas formas de produção de sentidos nas infâncias. A partir de uma análise do discurso de inspiração foucaultiana, problematizamos como a música, enquanto artefato cultural, atua como um dispositivo de poder, reiterando, tensionando e atualizando representações sobre feminilidades, masculinidades e sexualidades. Observamos que, mesmo sem uma compreensão plena dos conteúdos veiculados nas letras, as crianças são atravessadas por discursos normativos que afetam suas interações e modos de ser. Além disso, evidenciamos o papel da escola como um espaço que pode tanto reforçar quanto deslocar tais normatividades. Defendemos a importância de que o ambiente escolar promova abordagens críticas sobre os discursos culturais que atravessam a infância, abrindo espaço para reflexões que ampliem as possibilidades de existência e de produção de subjetividades. Mais do que adotar posturas de censura, é fundamental reconhecer a música como um artefato cultural potente na construção de identidades e nas relações sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Funk. Artefato cultural. Subjetividades infantis. Gênero. Poder.

ABSTRACT

This article aims to investigate how funk music intersects with and shapes the processes of children's subjectivity production, particularly in relation to issues of gender and sexuality. The analysis is grounded in a Foucauldian perspective articulated with Cultural Studies, seeking to understand how songs—especially funk—operate as

Submetido em: 25/03/2025 – **Aceito em:** 27/10/2025 – **Publicado em:** 20/12/2025

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).

² Mestre em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

discursive practices that participate in the constitution of subjects. The study is based on the analysis of a scene experienced by one of the authors in an early childhood education setting, in which children were singing and performing, through choreography, a song popularized on digital social media platforms. In this context, the discussion incorporates the concept of cyberculture, acknowledging the role of digital media in amplifying the circulation of these discourses and in shaping new forms of meaning-making in childhood. Drawing on Foucauldian-inspired discourse analysis, we problematize how music, as a cultural artifact, functions as a dispositif of power, reiterating, challenging, and updating representations of femininities, masculinities, and sexualities. We observe that, even without fully understanding the content conveyed in the lyrics, children are permeated by normative discourses that influence their interactions and ways of being. Furthermore, we highlight the role of the school as a space that can either reinforce or displace such normativities. We advocate for the importance of fostering critical approaches within the school environment regarding the cultural discourses that traverse childhood, creating space for reflections that broaden the possibilities for existence and the production of subjectivities. Rather than adopting censorial stances, it is essential to recognize music as a powerful cultural artifact in the construction of identities and in social relations.

KEYWORDS: Funk. Cultural artifact. Children's subjectivities. Gender. Power.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo investigar cómo el funk atraviesa y compone los procesos de producción de las subjetividades infantiles, especialmente en lo que respecta a las cuestiones de género y sexualidad. El análisis parte de una perspectiva foucaultiana articulada con los Estudios Culturales, con el fin de comprender de qué manera las canciones —con especial énfasis en el funk— operan como prácticas discursivas que participan en la constitución de los sujetos. El estudio se basa en el análisis de una escena vivida por una de las autoras en el contexto de la Educación Infantil, en la que niños y niñas cantaban y performaban, a través de coreografías, una canción popularizada en las redes sociales digitales. En este contexto, la discusión incorpora el concepto de cibercultura, reconociendo el papel de los medios digitales en la ampliación de la circulación de estos discursos y en la configuración de nuevas formas de producción de sentido en las infancias. A partir de un análisis del discurso de inspiración foucaultiana, problematizamos cómo la música, en tanto artefacto cultural, actúa como un dispositivo de poder, reiterando, tensionando y actualizando representaciones sobre feminidades, masculinidades y sexualidades. Observamos que, incluso sin una comprensión plena de los contenidos transmitidos en las letras, los niños y niñas se ven atravesados por discursos normativos que afectan sus interacciones y modos de ser. Asimismo, evidenciamos el papel de la escuela como un espacio que puede tanto reforzar como desplazar dichas normatividades. Defendemos la importancia de que el entorno escolar promueva enfoques críticos sobre los discursos culturales que atraviesan la infancia, abriendo espacio para reflexiones que amplíen las posibilidades de existencia y de producción de subjetividades. Más que adoptar posturas censoras, es fundamental reconocer la música como un artefacto cultural potente en la construcción de identidades y en las relaciones sociales.

PALABRAS CLAVE: Funk. Artefacto cultural. Las subjetividades de los niños. Género. Fuerza.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência analisa uma cena vivenciada por uma das autoras em um dia de aula na Educação Infantil. A partir da perspectiva foucaultiana e dos Estudos Culturais, buscamos problematizar como as músicas, em especial o funk, operam como práticas discursivas que atravessam e compõem os processos de constituição dos sujeitos, produzindo sentidos sobre gênero, sexualidade e poder. Entendemos que as subjetividades infantis são produzidas, dentre outros fatores, pelos discursos veiculados por meio destas produções, que, muitas vezes, circulam fora do espaço escolar e chegam ao cotidiano dos estudantes.

É comum que, no ambiente escolar, as crianças cantem ou dançam músicas que fazem parte de suas rotinas fora da escola. Ao considerarmos a vertente pós-crítica dos Estudos Culturais, compreendemos que estas, como artefatos culturais, funcionam como um tipo de currículo (Paraíso, 2001), que transmitem comportamentos, valores e atitudes, além de normas de gênero e de relação com o outro. Nesse sentido, a música não é apenas uma forma de expressão artística, mas um meio pelo qual se constroem representações sobre sexualidades, identidades de gênero e, de maneira mais ampla, sobre os modos de ser e de viver.

Nesta investigação, mobilizamos o conceito de cibercultura (Lemos, 2010; Santos, 2011) como lente para compreender os atravessamentos que se dão entre os contextos digitais e os cotidianos escolares. Entendemos que os ambientes digitais em rede constituem hoje espaços privilegiados de produção de subjetividades, onde sentidos sobre o mundo, o corpo e as relações são continuamente criados e ressignificados. Lemos (2010) aponta que a cibercultura transforma modos de agir, consumir e se relacionar socialmente, reconfigurando práticas culturais de forma ampla e veloz. Santos (2011) complementa, destacando que vivemos em uma cultura fortemente estruturada por dinâmicas comunicacionais em rede, nas quais emergem novas formas de comportamento, identidade e produção de significados. Nesse fluxo, práticas como as “dancinhas” viralizadas em plataformas como *TikTok* e Instagram tornam-se exemplos emblemáticos: coreografias que ganham visibilidade, circulam em diferentes territórios e atravessam as experiências infantis, produzindo sentidos sobre gênero, corpo e sexualidade. É nesse trânsito entre o *online* e o *offline* que as crianças se constituem, performam e atualizam repertórios que chegam à escola carregados das narrativas midiáticas que consomem e (re)produzem diariamente.

O funk, enquanto manifestação cultural, é uma expressão amplamente presente nas festividades brasileiras, do norte ao sul do país, sendo comum em festas, novelas, filmes e até mesmo em espaços cotidianos como ônibus, e supermercados. Embora frequentemente visto como de "gosto duvidoso", o funk é, na verdade, uma música popular que se encontra enraizada no cotidiano de muitas pessoas. Isso nos leva a questionar as representações que ele veicula e como, muitas vezes, esse estilo musical acaba sendo estigmatizado e marginalizado, apesar de sua força como parte da cultura popular. Por isso, nossa reflexão não se limita apenas a falar sobre o funk, mas propõe problematizar o entendimento de que músicas e estilos musicais, em sua diversidade, constituem currículos (Paraíso, 2007), moldando identidades e relações sociais, especialmente no que se refere às questões de gênero e sexualidade.

O estilo musical presente nas escolas brasileiras vai além das músicas prescritas pelo currículo oficial, abrangendo também aquelas que fazem parte do cotidiano dos estudantes. Além dos gêneros musicais inseridos formalmente nos currículos escolares (Brasil, 1997; 2008), tanto como linguagem artística quanto como recurso didático, há também a influência de músicas

que circulam fora do ambiente escolar, como o funk. Com forte apelo entre muitos alunos, esse estilo frequentemente permeia os espaços escolares, manifestando-se no recreio, nas interações sociais e em diversas brincadeiras.

A presença de músicas de diversos estilos na escola, como nos lembra Loureiro (2003), é um fenômeno inegável, pois a música está presente no início e no fim do dia, nas festividades e em momentos de lazer. Garbin (1999) e Garbin et al. (2003) afirmam que, mesmo que as crianças muitas vezes não se mostrem conscientes do teor das letras que estão ouvindo, há uma relação de identificação com as músicas que escutam. Elas buscam se reconhecer nas narrativas presentes nas canções e estabelecer conexões com suas próprias experiências de vida.

A música, então, é entendida como um artefato cultural que transmite e regula discursos sobre gênero e poder. Analisamos o funk como uma produção cultural que veicula tais discursos, explorando como as músicas podem contribuir para a formação de subjetividades infantis e influenciar as formas de vivenciar o gênero. Para isso, adotamos a análise discursiva inspirada nas ideias de Michel Foucault (2001), que nos permite refletir sobre como os discursos da música funcionam como mecanismos de poder que moldam os sujeitos e suas experiências.

Nesse sentido, este artigo se propõe a explorar, a partir de uma cena vivenciada por uma das autoras, como o funk pode ser entendido como um artefato cultural que reflete e, ao mesmo tempo, regula as relações de gênero e poder no ambiente escolar.

O FUNK COMO ARTEFATO CULTURAL E SUAS NARRATIVAS DE SEXUALIDADE

A escola desempenha um papel fundamental na constituição dos sujeitos, sendo um espaço onde diferentes discursos, práticas e relações sociais se entrelaçam. Nesse ambiente, identidades, culturas e subjetividades são continuamente construídas e ressignificadas, influenciadas tanto pelo currículo formal quanto pelas interações cotidianas. Entre os muitos aspectos que atravessam a experiência escolar, as questões de gênero e a sexualidade se destacam, pois são constantemente negociadas e tensionadas dentro de um contexto permeado por normas e relações de poder.

Nesse sentido, a escola, como um dos principais espaços de socialização, desempenha um papel central nesse processo, pois não apenas contribui na produção de conhecimentos formais, mas também atua na construção e negociação de identidades. A constituição dos sujeitos ocorre de maneira contínua e em múltiplos contextos, ultrapassando os limites da escola e se expandindo para diversas práticas sociais e culturais (Goellner, 2013). A identidade de gênero e a

sexualidade não são essências fixas, mas processos dinâmicos e inacabados, constantemente atravessados por discursos e práticas que circulam em diferentes espaços (Louro, 2008). Assim, a forma como cada indivíduo vivencia sua identidade e seus desejos é sempre situada e mediada por relações de poder e normatividades (Louro, 2014).

Nessa perspectiva, o currículo não se restringe à instituição escolar, mas se expande para diferentes artefatos culturais que influenciam a formação das subjetividades. Meireles (2017) propõe a ideia do currículo como "pedagogia cultural", na qual normas e valores sociais são ensinados implicitamente. Campos e Paraíso (2015) complementam ao afirmar que artefatos culturais funcionam como espaços de aprendizagem, estabelecendo referenciais sobre o que é socialmente aceito. Dessa forma, a educação ocorre tanto por meios formais quanto por experiências cotidianas que contribuem para a construção dos modos de ser e agir no mundo. As identidades de gênero e sexualidade são moldadas dentro de contextos sociais que determinam formas específicas de vivência da feminilidade e da masculinidade (Meyer, 2013). Esses processos são reforçados por discursos que circulam em diferentes espaços midiáticos e institucionais, delineando expectativas e normativas de gênero. Como aponta Foucault (2001), os discursos não apenas refletem a realidade, mas também a produzem, instituindo regimes de verdade que orientam a maneira como os indivíduos percebem a si e ao outro.

Diante dessa multiplicidade de espaços de formação, é essencial reconhecer que os artefatos culturais não são neutros; ao contrário, veiculam discursos que moldam comportamentos, valores e relações sociais (Paraíso, 2001). No campo da educação, torna-se imprescindível problematizar de que maneira esses discursos operam na constituição das subjetividades, especialmente no que se refere às questões de gênero e sexualidade. A escola, longe de ser um espaço isolado, está imersa nessas dinâmicas, podendo tanto reiterar quanto tensionar e ressignificar essas normatividades.

Os discursos das diversas manifestações culturais, incluindo as produções musicais como o funk, operam na constituição dos sujeitos e na regulação de condutas, pois se inscrevem como currículos que orientam modos de ser, pensar e agir. Como argumenta Silva (2003), os saberes presentes nesses discursos determinam aquilo que pode ser pensado e dito, estabelecendo significados e posições para os sujeitos no mundo. Nesse sentido, ao analisarmos o funk sob a perspectiva foucaultiana, percebemos sua potencialidade como um dispositivo de poder-saber, que não apenas reflete, mas institui realidades sociais, produzindo e regulando identidades de gênero, sexualidade.

Ao ampliar esse olhar para os fluxos digitais, torna-se fundamental considerar as dinâmicas da cibercultura (Lemos, 2010; Santos, 2011), que intensificam a circulação de discursos e ampliam os territórios de produção de subjetividades. As plataformas digitais, como *TikTok*, *YouTube* e

Instagram, funcionam como espaços de visibilidade e performatividade, nos quais crianças e jovens acessam, reproduzem e ressignificam conteúdos culturais diversos, incluindo as músicas e coreografias do funk. O ciberespaço, entendido como ambiente sociotécnico dinâmico, não apenas hospeda essas produções, mas também potencializa sua circulação e reatualização, gerando novas formas de engajamento e pertencimento.

Nesse contexto, práticas como as “dancinhas” viralizadas nas redes sociais tornam-se elementos centrais na formação das infâncias contemporâneas, funcionando como formas de aprendizagem informal sobre o corpo, o gênero e a sexualidade. Esses conteúdos, muitas vezes consumidos de forma intensa e cotidiana, atravessam o espaço escolar, manifestando-se nas interações entre as crianças e nas performances observadas no ambiente educativo. Assim, é preciso reconhecer que o ciberespaço configura um campo de forças que atravessa as práticas escolares, interpelando professores e alunos e provocando deslocamentos nos modos como gênero e sexualidade são significados e performados.

Considerando essa complexa rede de discursos que atravessam as crianças, tanto nos espaços físicos quanto nos digitais, é possível mobilizar o conceito de "vontade de sujeito" (Corazza, 2004) para aprofundar a análise. Essa noção nos ajuda a compreender que os sujeitos não nascem prontos, mas são constantemente produzidos em meio a forças que os convocam a ocupar determinadas posições de identidade. No caso das músicas de *funk*, por exemplo, é possível perceber como elas atuam como dispositivos que interpelam as crianças a performarem certos modos de ser, desejar e agir. Assim como os currículos escolares formais, essas produções culturais carregam normas, preceitos e expectativas que buscam conformar os sujeitos a determinados comportamentos e identidades de gênero e sexualidade.

Ao olhar para o funk e outros estilos musicais populares, é necessário ir além de análises moralizantes ou centradas em juízos de valor sobre sua qualidade artística. O desafio é deslocar o olhar para compreender os sujeitos que esses discursos buscam produzir, reconhecendo que os processos de subjetivação passam também pelos sons, pelos corpos em movimento e pelas performances que atravessam os diferentes territórios da infância, da sala de aula ao ciberespaço. O funk insere-se em um campo de forças onde se cruzam discursos sobre masculinidades, feminilidades, erotismo e resistência. As letras, performances e sonoridades desse gênero musical não são neutras; pelo contrário, constituem enunciados que interpelam os sujeitos, atravessando suas experiências e participando da produção de modos de ser, agir e desejar. Como aponta Foucault (2005, p. 61), os discursos não se limitam a representar a realidade, mas a produzem ao estabelecer "campos de regularidade para as diversas posições de subjetividade". Assim, o funk participa da construção de corpos, desejos e normas sociais, operando como um artefato cultural que distribui e hierarquiza significados.

Além disso, os discursos musicais possuem um caráter produtivo, pois têm o poder de definir quais corpos e práticas são valorizados ou marginalizados. No funk, encontramos narrativas que, ao mesmo tempo em que exaltam a sexualidade feminina, também a regulam; que associam a virilidade masculina à ostentação e ao poder econômico; e que estabelecem os limites do que é considerado legítimo nas dinâmicas sociais e afetivas. Embora existam letras que promovem o empoderamento feminino, o funk ainda é majoritariamente produzido por homens, o que influencia a circulação e a visibilidade de determinadas produções em detrimento de outras. É importante destacar que este trabalho não busca desqualificar ou condenar o funk, mas, sim, refletir sobre suas implicações sociais e discursivas. Reconhecemos que algumas produções musicais valorizam as mulheres, seus corpos e suas expressões, oferecendo espaços de autonomia e afirmação. No entanto, de modo geral, são músicas que ainda carregam dinâmicas que reforçam padrões de gênero e poder historicamente enraizados, o que torna essencial uma análise crítica sobre suas representações e impactos. Como sugere Foucault (2007, p. 8), "o poder só é aceito e se mantém porque produz coisas, induz ao prazer, forma saber e produz discurso".

A partir dessa análise, percebemos que o funk, como qualquer prática discursiva, não é unívoco. A interseção entre música, discurso e poder, portanto, nos convida a escutar o funk de forma atenta e crítica, reconhecendo sua potência na construção de identidades e na disputa por significados sociais.

“MINA GOSTOSA, NO *BEAT* ELA ENCOSTA REBOLA NO PIQUE ANITTA”: UM DIA DE AULA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Era uma manhã comum em uma turma de 2º período da Educação Infantil. A professora, como de costume, organizou a sala em pequenos agrupamentos, que ela chamava de “colmeias”, com cerca de cinco crianças cada. Meninos e meninas, juntos, foram convidados a explorar uma caixa de brinquedos de montar. A proposta da atividade era simples: criar um espaço de socialização espontânea, com a professora assumindo uma posição de observadora, acompanhando de longe as interações.

O som ambiente era o típico de uma sala cheia de crianças, com risos, conversas cruzadas, pequenos conflitos pelo brinquedo preferido. De repente, um grupo específico começou a se destacar. Três meninas, sentadas próximas, começaram a entoar em coro uma música que logo chamou a atenção: “Mina gostosa, no *beat* ela encosta Rebola no pique Anitta, escuta a batida e do nada ela vira, dançarina. Ah, ah-ah-ah, ah-ah-ah, doida pra sentar”.

A letra era acompanhada de uma tentativa de coreografia. Os movimentos das meninas, ainda com a coordenação típica da idade, buscavam reproduzir os passos populares de uma dança que havia se espalhado pelo *TikTok* nas semanas anteriores. Entre risadas e olhares cúmplices, as meninas se observavam, corrigiam os gestos umas das outras e reforçavam o tom das vozes nas partes que consideravam mais “divertidas” ou “marcantes”.

Do outro lado da colmeia, os meninos assistiam à cena com evidente entusiasmo. Sorrisos largos, olhares fixos, algumas brincadeiras entre eles enquanto acompanhavam a performance das colegas. Em alguns momentos, eles imitavam pequenos trechos da dança, como quem tentava participar da cena, mas sem assumir o protagonismo da performance.

A professora, ao perceber a movimentação, se aproximou. Com um tom de voz calmo, mas firme, disse que aquela música não era adequada para aquele momento e pediu que as crianças parassem de cantar. As meninas interromperam a coreografia imediatamente. Houve um breve silêncio, seguido de algumas trocas de olhares entre elas. Uma delas ainda murmurou, num tom quase inaudível: “Mas a gente só tava brincando...”.

Não houve, naquele instante, uma conversa mais aprofundada sobre a letra, seus significados ou porque aquela música foi considerada “inadequada”. A intervenção foi pontual e seguiu-se o fluxo da rotina da sala. As crianças, rapidamente, voltaram a brincar com os blocos de montar, como se a cena anterior tivesse sido apenas mais um entre tantos acontecimentos do dia.

A cena vivida na sala de aula nos coloca diante de múltiplos sentidos em circulação. A escolha da música, a performance das meninas, os olhares atentos dos meninos e a intervenção da professora são atravessados por discursos que extrapolam os muros da escola e chegam até ali carregados de significados sobre gênero e sexualidade. Nesse contexto, a canção “Dançarina” emerge como um potente marcador discursivo. A letra reflete um imaginário cultural amplamente disseminado em torno da figura da mulher como objeto de desejo, enfatizando atributos como beleza e sensualidade, associados a práticas de dança e sedução, dimensões fortemente moldadas pela mídia contemporânea. Na narrativa da música, a jovem que dança é idealizada como talentosa e “gostosa”, termos que, para além de reforçarem estereótipos de gênero, vinculam o corpo feminino a um modelo de atratividade heteronormativa. A referência direta à cantora Anitta reforça essa construção, posicionando-a como uma das grandes influenciadoras desse imaginário, admirada e performada por muitas meninas e jovens.

Esse tipo de discurso contribui para a construção de padrões de feminilidade hegemônicos, definidos pela cultura midiática e social. Tais padrões são internalizados desde a infância, com as crianças, muitas vezes de maneira inconsciente, absorvendo noções de beleza e adequação.

A mídia, as músicas, as redes sociais e a internet desempenham um papel central na disseminação desses estereótipos, constituindo um sistema de normas que modela a identidade feminina. No caso da cena descrita, com crianças de cinco anos, vemos a reprodução de comportamentos associados a esses padrões, mesmo sem uma compreensão plena de seu significado. Embora as meninas não compreendam totalmente a carga sexual implícita na letra e na dança, elas já estão sendo impactadas por uma cultura que valoriza a sensualidade como característica desejável.

Essa análise nos leva a refletir sobre a produção de subjetividades a partir das músicas e danças que circulam no ambiente infantil. Foucault (2007) argumenta que o poder não apenas regula, mas também cria e sustenta saberes, formas de prazer e discursos que modelam os sujeitos. A música, como prática cultural, não é apenas um entretenimento, mas um mecanismo poderoso na formação de indivíduos, pois está diretamente ligada à construção de corpos, gestos e desejos socialmente aceitos e esperados. Foucault (2007) diz que o poder se exerce através da constituição de sujeitos, que se reconhecem e se posicionam no mundo por meio de discursos e normas produzidas e reiteradas pela sociedade.

É possível perceber no discurso disseminado pela música, que as meninas que rebolam são talentosas e, conseqüentemente, gostosas. Mas o que significa ser uma menina/mulher gostosa neste momento em que vivemos? Este questionamento nos leva a discutir os padrões de feminilidade hegemônicos. Em nossa sociedade, a mídia, as revistas e outras formas de comunicação transmitem normas e imagens ideais de beleza feminina. Wolf (1992, p. 112) problematiza essa questão ao afirmar que “as revistas transmitem o mito da beleza como um evangelho de uma nova religião”. Transpondo para a atualidade, podemos afirmar que a mídia, a internet e as músicas continuam a disseminar modos de ser mulher que são considerados belos e adequados.

Esse mito da beleza é difundido desde muito cedo, com as crianças “aprendendo” qual é a “verdadeira” beleza feminina. O mito da beleza produz modos de ser mulher que são atravessados por discursos e relações de poder. As mulheres crescem em uma sociedade com padrões de beleza considerados naturais e, sem perceberem, são influenciadas a seguir esses padrões para se sentirem aceitas socialmente.

Músicas que vinculam dança e sensualidade costumam ser alvo de estratégias de controle e regulamentação, já que, de acordo com Foucault (2007), o poder é capaz de criar coisas, promover o prazer, gerar conhecimento e produzir discursos. Músicas, como práticas culturais, fazem parte desse processo de formação de sujeitos. Elas falam sobre o que homens e mulheres podem ser, sobre o que é esperado deles em suas relações familiares, amorosas e de trabalho. Além disso, discutem quais corpos são considerados adequados e desejáveis.

A música também menciona a ideia de "sentar", sugerindo gestos e movimentos que remetem ao comportamento sexual. A coreografia criada a partir dessa música no *TikTok*, plataforma que integra as dinâmicas da cibercultura e potencializa a circulação de discursos e performances, foi reproduzida por milhões de pessoas, especialmente meninas. A problematização que propomos neste artigo está no fato de que, mesmo sem compreender plenamente o que a música insinua, as meninas estão produzindo suas subjetividades em meio a esses atravessamentos discursivos. Vale ressaltar que, aquelas crianças de 4 e 5 anos que vivenciaram a cena relatada, aparentemente, ao olhar da professora, não demonstravam compreender o significado sexual dos gestos enunciados pela música e pela coreografia.

As músicas, como qualquer currículo, são elementos que precisam ser analisados em sua capacidade de produzir sujeitos. Elas estão envolvidas em processos de regulação de comportamentos, por meio de saberes que moldam esses comportamentos (Silva, 2003). O currículo musical, portanto, seleciona, sugere e produz significados sobre formas de ser e se posicionar no mundo. Silva (2001) também discute que o currículo é permeado pelo poder, pois prescreve conhecimentos, modos de ser, pensar e agir, indicando pensamentos, valores, práticas e atitudes que devem ser seguidos para a produção de tipos específicos de sujeitos.

Essa análise nos permite compreender como determinados discursos se configuram no contexto de relações de poder e como contribuem para a produção de determinados tipos de sujeitos. Foucault (2007) nos convida a analisar o discurso dessa forma, revelando a heterogeneidade do que se imaginava como consistente, mostrando como as coisas, sujeitos e verdades são construídos, peça por peça.

MASCULINIDADES EM CONSTRUÇÃO: O OLHAR MASCULINO E A PRODUÇÃO DE GÊNEROS NA CULTURA DO FUNK

Um outro ponto importante para se discutir foi o fato de dois meninos ficarem observando e apreciando as meninas dançarem e cantarem. Por que eles também não estavam fazendo o mesmo? É importante destacar que, para este trabalho, entendemos que as masculinidades são produzidas a partir das relações de gênero que são históricas, culturais, envoltas em relações de poder. Como destacam Connell (1995) e Butler (1990), as masculinidades não são atributos fixos, mas processos em constante negociação dentro de estruturas sociais que normatizam modos de ser homem e de se relacionar com o feminino.

A produção de masculinidades está diretamente ligada a discursos e práticas culturais que normatizam modos de ser homem e de se relacionar com o feminino. Nesse contexto, a música e a dança, enquanto expressões culturais, também podem contribuir para isso, estabelecendo modelos de feminilidade e masculinidade. No campo da musicalidade, Nascimento e Nascimento (2024) destacam que o funk também atua na produção das masculinidades, muitas vezes reforçando assimetrias de gênero. As letras de diversas canções, segundo as autoras, projetam uma visão da masculinidade atrelada ao poder e ao domínio sobre o feminino, consolidando discursos que reiteram a desigualdade. Elas apontam, contudo, que a escola pode atuar como um espaço de problematização dessas construções, promovendo reflexões críticas sobre os papéis de gênero disseminados pela mídia e pela cultura popular.

As autoras apontam que, no funk, há uma dualidade na representação da masculinidade. Enquanto algumas músicas exaltam o poder e o prestígio dos homens, outras acabam reforçando estereótipos que vinculam a masculinidade à violência e à posse sobre os corpos femininos. Esse fenômeno demonstra como as masculinidades são construídas em meio a discursos contraditórios, que, ao mesmo tempo em que reafirmam padrões hegemônicos, também podem abrir brechas para novas interpretações e ressignificações (Nascimento; Nascimento, 2024).

Um exemplo desse processo pode ser observado na cena narrada, em que três meninas dançavam funk enquanto os meninos assistiam. Nesse contexto, percebemos um padrão de interação em que a feminilidade é construída por meio da performance corporal. Essa dinâmica reflete normatividades de gênero amplamente disseminadas na sociedade, que associam a feminilidade à exposição e ao olhar do outro, enquanto a masculinidade assume uma posição de espectador e validador. Além disso, essa interação reforça papéis de gênero tradicionais, naturalizando a ideia de que a expressão corporal feminina deve ser visível e reconhecida, enquanto os meninos ocupam o lugar de quem observa e julga. Esse tipo de configuração, presente tanto na escola quanto em outros espaços sociais, evidencia como discursos culturais e práticas cotidianas contribuem para a construção das identidades de gênero desde a infância.

A atitude dos meninos que apenas assistem sem interagir reflete uma estrutura patriarcal que posiciona as mulheres como figuras a serem vistas e julgadas, enquanto os homens ocupam o papel de observadores, detentores do olhar que legitima ou invalida essa performance. Essa dinâmica pode ser interpretada por meio de uma aproximação teórica ao conceito de "*Male Gaze*"³ (Mulvey, 1975), que evidencia como o olhar masculino estrutura representações de

³ O conceito de *Male Gaze* foi desenvolvido por Laura Mulvey em seu ensaio 'Visual Pleasure and Narrative Cinema' (1975), onde a autora argumenta que o cinema clássico hollywoodiano estrutura suas narrativas a partir de uma perspectiva masculina heterossexual, transformando a mulher em objeto de desejo visual. A teoria de

gênero e sustenta hierarquias de poder. Ainda que esse conceito tenha sido originalmente formulado para analisar representações audiovisuais e relações de poder em contextos adultos. No caso da cena observada, os meninos, ao assumirem a posição de espectadores, reforçam um modelo de feminilidade que se sustenta na visibilidade e na constante necessidade de reconhecimento. Ao mesmo tempo, esse comportamento reafirma a masculinidade como um lugar de controle sobre a representação do feminino, mesmo em um contexto lúdico como a dança.

Dessa forma, mais do que uma simples escolha individual, o fato dos meninos assistirem enquanto as meninas se movimentam insere-se em um quadro mais amplo de normatização dos gêneros. A escola, como espaço social e formativo, pode atuar na problematização dessas construções, criando oportunidades para que essas dinâmicas sejam questionadas e ressignificadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo deste artigo evidencia que a música, em especial o funk, exerce um papel significativo na constituição das subjetividades infantis, atuando como um dispositivo discursivo que transmite e regula normas de gênero e sexualidade. A partir de uma perspectiva foucaultiana e dos Estudos Culturais, compreendemos que os discursos veiculados por meio das canções não apenas refletem, mas também produzem realidades sociais, moldando identidades e relações de poder desde a infância. As músicas, portanto, moldam subjetividades, elas incorporam e produzem significados, conhecimentos e valores, sendo essencial estabelecer conexões entre elas e processos de formação dos sujeitos.

A escola, enquanto um ambiente em que se formam sujeitos, não está imune às influências culturais mais amplas que permeiam a sociedade. Nesse sentido, o funk não só circula nos espaços escolares, mas também exerce um papel fundamental na constituição das identidades dos estudantes. Esse processo é ainda mais intensificado pelas dinâmicas da cibercultura, na medida em que os conteúdos musicais e suas coreografias atravessam as telas e se inserem nas rotinas escolares, ampliando os modos de circulação e apropriação desses discursos pelas crianças. As músicas, enquanto artefatos culturais, desempenham um papel ativo na formação de sujeitos e na construção de valores e representações de gênero e sexualidade.

Mulvey baseia-se na psicanálise freudiana e lacaniana para demonstrar como o olhar masculino no cinema opera por meio da escopofilia, **ou seja, prazer visual**, e da identificação com o protagonista masculino.

A cena descrita em sala de aula materializa como as crianças, mesmo sem plena consciência do conteúdo das músicas que consomem, são atravessadas por discursos que reforçam os papéis de gênero e comportamentos esperados. As meninas, ao reproduzirem coreografias e letras que enfatizam a sensualidade, e os meninos, ao assumirem uma postura de espectadores, demonstram como as normas de gênero já estão internalizadas em suas interações cotidianas. Essa dinâmica reforça a necessidade de problematizar o impacto desses discursos na formação dos sujeitos e na reiteração de padrões hegemônicos de feminilidade e masculinidade.

É importante que a escola se posicione de maneira crítica diante dessas influências, reconhecendo a importância de suas interações com artefatos culturais, como as músicas que circulam no cotidiano dos estudantes. Nesse cenário, o ciberespaço torna-se um território relevante de análise, pois amplia a velocidade e o alcance desses discursos, favorecendo a emergência de novas práticas e performances que atravessam o ambiente escolar. Ao fazer isso, é essencial não cair na armadilha de críticas simplistas ou celebrações ingênuas do que está sendo transmitido pelas músicas, mas adotar uma postura investigativa e crítica, capaz de desvelar as forças que operam nessas produções culturais e que influenciam as experiências dos alunos.

No caso específico do funk, ao procurarmos compreender os tipos de sujeitos que estão sendo moldados por ele, devemos olhar para os discursos que ele contém. Ao analisar as letras e as representações presentes nesse estilo musical, podemos identificar as formas como o gênero, a sexualidade e o poder estão sendo narrados e, muitas vezes, reiterados.

Dessa forma, retomamos a ideia de que é imprescindível que a escola atue como um espaço de reflexão crítica sobre os discursos culturais que atravessam a infância, promovendo debates que permitam a desconstrução de estereótipos de gênero e a ampliação das possibilidades de experiência dos sujeitos. Em vez de censurar determinados estilos musicais, é fundamental fomentar discussões que possibilitem a compreensão das múltiplas camadas de significados presentes nas mídias e nos artefatos culturais que circulam no cotidiano escolar.

O currículo que o funk apresenta deve ser examinado não apenas a partir da sua capacidade de entreter ou provocar, mas, sobretudo, por seu potencial de produzir e reforçar determinados modos de ser sujeito, em particular em relação a questões de gênero e sexualidade.

O desafio, portanto, é reconhecer a música como um currículo potente, que, assim como outros currículos, regula e define os modos de existência possíveis para os indivíduos, particularmente para as crianças e jovens que estão em processo de construção de suas identidades. Ao integrar a análise de músicas, como o funk, ao campo educacional, podemos oferecer uma abordagem mais ampla e crítica sobre os discursos que atravessam a escola e, assim, contribuir para a

formação de sujeitos mais críticos, reflexivos e conscientes das influências culturais que moldam suas vidas.

Portanto, é fundamental que a escola, como espaço de formação, reconheça essas influências e as problematize, de modo a promover uma educação que vá além dos currículos oficiais, incorporando as múltiplas dimensões culturais que fazem parte da vivência dos estudantes. O funk, assim como qualquer expressão cultural, é um campo de disputa de significados que pode ser ressignificado e apropriado de diferentes maneiras. Ao reconhecer a música como um artefato cultural, especialmente em tempos em que a cibercultura amplia e diversifica os modos de circulação e apropriação desses discursos, podemos transformar a escola em um espaço mais inclusivo e crítico, capaz de promover a emancipação dos sujeitos e a construção de relações de gênero mais equitativas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n. 11.769**, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Diário Oficial da União. Brasília, v. 145, n. 159, seção I, p. I, 19 ago. 2008.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: arte**. Brasília: SEF/MEC, 1997. 130 p.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. Routledge, New York, 1990.

CAMPOS, Camila Amorim; PARAÍSO, Marlucy Alves. Raciocínios que generificam, diferenciam e hierarquizam no currículo da alfabetização de crianças. **Anais do 6º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação**, 2015.

CONNELL, Raewyn W. **Masculinities**. Cambridge: Polity Press, 1995.

CORAZZA, Sandra. **O que quer um currículo?** – pesquisas pós-críticas em educação. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 150 p.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001. 152 p.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. 236 p.

FOUCAULT, Michel. **Nietzsche, a genealogia e a história**. In: MACHADO, Roberto (Org.). *Microfísica do poder*. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007. p. 15-37.

GARBIN, Elisabete Maria. Na trilha sonora da vida. **Jornal NH**, Novo Hamburgo, 11 set. 1999.

GARBIN, Elisabete Maria.; SANTOS, Lisiane G.; DAROS, Vivian S. Eu sou o que eu curto, eu não tenho uma coisa certa assim ... Identidades Musicais Juvenis. **III Congresso Internacional Lassalista de Educação: inclusão e exclusão da criança, do jovem e do adulto na educação**. CD-ROM. Canoas, 2003. 14 p.

GOELLNER, Sivana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre; LOURO, Guacira Lopes. (Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LEMOS, André. Os sentidos da tecnologia: ciberultura e ciberdemocracia. In: LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 21-31.

LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. **O ensino da música na escola fundamental: dilemas e perspectivas**. Educação, Santa Maria, v. 28, n. 01, p. 101-112, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MEIRELES, Gabriela Silveira. **Tecnologia da formação docente no currículo dos blogs sobre alfabetização criados por professoras-alfabetizadoras: saberes divulgados, relações de poder acionadas e sujeitos demandados**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de educação, Belo Horizonte, 2017.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e sexualidade: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Sivana Vilodre. (orgs) **Corpo, Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MULVEY, Laura. Visual Pleasure and Narrative Cinema. **Screen**, v. 16, Issue 3, 1975, p 6–18. Disponível em: https://web.english.upenn.edu/~cavitch/pdf-library/Mulvey_%20Visual%20Pleasure.pdf Acesso em: 30 nov 2024.

NASCIMENTO, Robéria Nádia Araújo; NASCIMENTO, Thatiane Oliveira do. Uma sequência didática sobre relações de gênero no ritmo do funk. **GÊNERO**. v. 24, n. 2, p. 82-106. 2024.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A produção do currículo na televisão: que discurso é esse? **Educação & realidade**, v. 26, n. 1, p. 141-160, jan./jul., 2001. Disponível em : <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/41320> . Acesso em : 30 nov 2024.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Currículo e mídia educativa brasileira: poder, saber e subjetivação**. Chapecó: Argos, 2007. 274 p.

SANTOS, Edméa. A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos. In: FONTOURA, Helena Amaral; SILVA, Marco (Orgs.). **Práticas pedagógicas, linguagem e mídias: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões**. Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011, p. 75-98.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo e identidade social: territórios contestados**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 190-207.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna**. In: SILVA, Tomaz T. da; MOREIRA, Antonio F. B. (Org.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 184-202.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução: Waldea Barcellos. Ed. Rocco. Rio de Janeiro, 1992.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.